

# A informação como elemento de reprodução do capital no final do século XX

José Jorge Meschiatti Nogueira<sup>1</sup>  
Marlene Braz Pinto Nogueira<sup>2</sup>

## Resumo

*Este artigo retrata a incorporação da informação pelo capital, traçando um panorama histórico desta ligação e inserindo o ambiente econômico atual como elemento chave na ampliação da exclusão social em fins do século XX sob a luz de uma rigorosa revisão bibliográfica.*

**Palavras-chave:** Exclusão social; Informação e economia; Capital; Capitalismo.

## Abstract

*This article describes the incorporation of the Information for the capital outlining the historical scenario and inserting economic environment current as key element in magnifying of social exclusion in ends of century XX, under the light of a rigorous bibliographical revision.*

**Key words:** Social exclusion; Information; Economy; Capital; Capitalism.

## Introdução

Este texto tem por objetivo apresentar pela via do caminho histórico, um breve esboço sobre a consolidação do uso da informação e sua incorporação pelo capital no final do século XX. Na primeira parte discorremos sobre a queda do modelo Keynesiano e a ascensão do neoliberalismo. Na segunda parte analisamos a questão teórica sociedade pós-industrial em relação ao fenômeno da informação e as suas aparências. Já na terceira parte, trazemos a balia a questão da informação como alinhada da financeirização do capital e a relação deste alinhamento como pré-condição da exclusão social. Na quarta parte traçamos brevemente a relação da ampliação da exclusão social sob a égide do toyotismo e sua relação com a redução do

---

1 Mestre em Ciência da Informação – PUC Campinas.

2 Mestranda em Ciência da Informação – PUC Campinas.

trabalho vivo. Por fim, em nossa conclusão, traçamos os aspectos contraditórios do modelo reestruturado de produção capitalista e sua principal contradição como fator de ampliação da exclusão social.

### **1 Do modo de produção do capital-informação**

Alterações de maior magnitude e profundidade nas relações de produção sempre provocaram o surgimento de novas forças sociais, que são capazes de idealizar, sugerir e até mesmo impor ao conjunto da sociedade um modo de produção. Assim foi com o capitalismo na ocorrência da Revolução Industrial.

Após a etapa depressiva do Capitalismo, cujo auge pode ser interpretado pela crise de 1929, a expressão do modelo idealizado por Keynes ganha força. Embora esse modelo econômico tivesse um comprometimento muito maior na base de responsabilidade do Estado para com as necessidades de reprodução social e tenha promovido uma sensível melhoria das massas, não conseguiu extirpar as desigualdades sociais. Apenas reduziu-as. Na realidade, o modelo de Keynes<sup>3</sup> teve relação direta com a própria salvaguarda do sistema capitalista, pois representou de certa maneira o uso do Estado como instrumento para a recuperação do capital privado.

Na década de 1970 com a crise de identidade do capitalismo, o setor privado já revigorado pelos 30 anos dourados, passa a reclamar os aparatos de produção e acumulação construídos pelo Estado. A apropriação do público pelo privado seria a consequência. Esta apropriação, ou seja, a desestatização, só seria possível se o Estado passasse por uma ampla desregulamentação na economia que contivesse impreterivelmente o desbloqueio das barreiras aos fluxos de circulação de capitais, imprescindível para a plena operacionalização da substituição do Estado pelo capital privado.

A desregulamentação do Estado e a rede tecnológica formada pelas TICs<sup>4</sup> viabilizaram o trânsito de fluxos de informação o que possibilitou uma reengenharia na alocação de recursos produtivos. A descentralização e a

---

3 “O capitalismo não é simplesmente um sistema econômico (...), mas também (e sobretudo) um modo de dominação social, uma forma de organização do poder”. (*La théorie du régime d'accumulation financiarisé: contenu, portée et interrogations*). Texto de François Chesnais publicado originalmente pela Agência Carta Maior e comentários disponíveis em: <[www.clippirata.com.br/Artigo\\_4/artigo\\_4.html](http://www.clippirata.com.br/Artigo_4/artigo_4.html)>, capturado em 11/10/2004.

4 Tecnologias de informação e comunicação.

descontinuidade geográfica, permitida por este processo permitiram que grandes conglomerados industriais pudessem articular sua produção em amplas plantas industriais alocadas em diferentes locais do planeta. O trabalho sofreria as conseqüências, principalmente pelo violento impacto na estratégia sindical.

È nesse período que a informação passa a circular velozmente, apoiada pelas TICs Seu papel maior é o de possibilitar a rotação do capital no menor tempo possível e em grande medida para servir a rede de fluxos financeiros.<sup>5</sup>

Neste contexto, novos padrões de (re) organização do capitalismo mundial transformaram as relações de produção, com o conseqüente enfraquecimento das conquistas adquiridas pelos trabalhadores sob a égide do Estado do Bem-Estar Social, substituído em nome do mercado. Uma troca adequada à justificativa do pensamento neoliberal, particularmente esparramado no ultimo quartel do século XX.

Magni (2003) discorre sobre este processo, evocando não só a tecnologia da informação como instrumento de auxílio na gestão organizacional do novo modelo, mas, sobretudo pelo que ele provocou, ou seja, a *fragmentação e desorganização dos trabalhadores e de sua consciência de classe*.

Flexibilidade no que se refere às condições sociais de produção, aos dispositivos organizacionais com os quais submete a classe trabalhadora. No que diz respeito às inovações tecnológicas, o capital aproveita os recursos das tecnologias de informação para dissolver obstáculos anteriormente colocados pelo trabalho organizado, como a concepção e a gestão da produção com o uso da automação e a informatização dos serviços burocráticos. Prolifera-se a terceirização e a subcontratação, a fim de comprimir custos ao mesmo tempo que se contribui para a fragmentação e desorganização dos trabalhadores e de sua consciência de classe. (Magni, 2003, p. 6).

## **2 Sociedade pós-industrial ou Terceira Revolução Industrial?**

Todo o contexto histórico anterior que descrevemos nos remete a outra questão fundamental. Será que todo esse processo de mudanças do modo de produção significaria a superação da sociedade industrial? Para alguns teóricos sim. Estaríamos a viver na sociedade pós-industrial. Um dos

---

<sup>5</sup> Aliás, o Estado do Bem Estar Social sobreviveu exatamente o tempo em que duraram as barreiras aos fluxos de circulação de capitais.

indicadores utilizados para justificar esta visão seria o fato do setor de serviços estaria a absorver uma quantidade muito maior de mão de obra do que o segmento secundário e primário. Outro argumento seria a substituição do trabalho mecânico e manual pelo trabalho intelectual. Na realidade, em nossa opinião, nada mais do que uma visão estreita de cunho pós-modernista.

Considerando a opinião de Castells (1999), as relações de produção que herdamos do desmonte do Estado do Bem Estar Social, continuam capitalistas, porém mais cruéis. São relações moldadas por “novas características”. Mas são características que não rompem a relação capital/trabalho, apenas modificam-nas.

As relações de produção transformaram-se tanto em termos sociais como técnicos. Na verdade, elas são capitalistas, mas de um tipo de capitalismo historicamente diferente que chamo de capitalismo informacional. Para maior clareza, analisarei, em seqüência, as novas características do processo produtivo, do trabalho e do capital. Então, a transformação das relações de classes poderá tornar-se visível. (Castells, 1999, p. 417).

Pela ótica de Bolaño, este mesmo processo citado por Castells seria característico de uma Terceira Revolução Industrial, marcada, principalmente, por uma guinada do modo de produção capitalista, cujo núcleo residiria na subsunção do trabalho intelectual e no desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs).

Esta Terceira Revolução Industrial explicada por Bolaño, não seria exclusivamente uma relação objetiva focada somente no processo produtivo, mas também pela necessidade da informação como um elemento-chave do domínio de concorrência pelo conhecimento dos mercados.

[...] não se relaciona exclusivamente com as condições objetivas do processo produtivo, mas também com outras necessidades da concorrência, como o conhecimento, por exemplo, da situação conjuntural de mercados distantes, as condições políticas e econômicas que podem influenciar a tomada de decisões, das condições climáticas, geográficas etc. (Bolaño, 2000, p. 47).

Fica claro no raciocínio de Bolaño (2000, p. 47) que este processo faz parte *das características do desenvolvimento capitalista*, na qual figura *a crescente sofisticação dos mecanismos de estocagem, manipulação e disseminação da informação* e não da superação da sociedade industrial.

A expansão capitalista em âmbito mundial e o desenvolvimento de um sistema financeiro articulado internacionalmente exigem a expansão paralela dos sistemas de comunicações e de transportes, como o próprio Marx já havia explicitado com precisão, como vimos anteriormente. (Bolaño, 2000, p. 47).

A hipótese da expansão capitalista articulada por Bolaño é factível de aceitação, principalmente quando observamos o alinhamento entre a indústria aeroespacial com a indústria das comunicações. Se os satélites são usados para fins de comunicação e entretenimento, também o são para fins militares, e em ambos os casos com a finalidade eminentemente econômica.

Podemos verificar que os dados coletados pelos satélites passam a produzir informações que vão desde a previsão de desgraças focadas na meteorologia como também na monitoração dos recursos naturais do globo, em especial as safras agrícolas. No caso das safras agrícolas esse monitoramento merece atenção, uma vez que é possível prever informações sobre elas e dessa forma especular no mercado futuro da Bolsa de Commodities de Chicago. Nada mais conveniente aos grandes grupos que possuem condições de aquisição da tecnologia avançada no âmbito das TIC(s).

Sob outro ponto de vista os satélites de comunicação, representam não só o ganho da comunicação para o entretenimento, mas acima de tudo o ganho em *real time* do capital financeiro. A possibilidade de materializar e desmaterializar o dinheiro sem que ele seja físico, somente pela representação da unidade de conta dos números que lhe é pertinente é fato concreto. As transações utilizando a Internet, tais como pagar contas, acessar contas bancárias, fazer compras, estudar por meio da rede, se transformam cada vez mais numa realidade cotidiana, mas para aqueles que podem pagar por este acesso.

No entanto, a despeito de todo este processo integrado pela rede, não podemos nos deixar levar pelas aparências. Mesmo que tenham surgido expressões “convenientemente” cunhadas pelo pensamento neoliberal, tais como: “sociedade da informação” e “sociedade do conhecimento”, embarcadas nas idéias de Fritz Machlup<sup>6</sup> na década de 1960, o fato é que o modo de produção hodierno continua a manter seus ciclos contraditórios.

---

6 Foi Machlup (1962) quem produziu o primeiro estudo, envolvendo evidências empíricas lastreadas nos modelos teóricos de economia, de que existia uma nova categoria econômica de riqueza, que se sobressaía dos segmentos tradicionais da economia até então conhecidos. Nesse estudo, Machlup identifica uma elevada participação, no PIB norte-americano, de um novo segmento, que denominou de “indústria do conhecimento”. É este economista quem inicialmente fornece uma contribuição singular na ligação da informação e do conhecimento com a economia e alerta amplamente de que a informação já estava consolidada como processo no modo de produção capitalista.

Não é pela razão de existir a tendência de que parte dos trabalhadores não despendam mais energias físicas que o resultado da relação capital/trabalho se esgotou. Na realidade, a energia física do trabalhador vem sendo substituída pela energia mental. O conceito de mais-valia continua existindo, não como só a absoluta, mas principalmente como relativa. A velha relação capital/trabalho sobrevive, mas com tendência para outra aparência. É uma consequência da forma de produção atual.

As contradições dos teóricos da sociedade pós-industrial estão alocadas na própria existência do trabalho pelo qual a sociedade salarial não se extinguiu.

Além do mais, os objetivos das empresas atuais não são diferentes daqueles do próprio início do capitalismo industrial e nas suas fases históricas; elas continuam necessitando reproduzir seu capital da mesma forma que as empresas do passado. Não conseguem desfazer o laço do processo de socialização da produção que as prende em sua relação com a força de trabalho no mundo atual. Mesmo que essa força de trabalho se insira atualmente num contexto menos favorável como consequência da flexibilização da produção.

O que estava se passando então – inclusive nas indústrias ornamentadas por altas chaminés e recheadas de homens de macacão azul – era o deslocamento da fonte de valor, que deixava a produção imediata e rumava para uma esfera que poderíamos denominar produção social geral (Dantas, 1994). Era a consequência de um processo previsto por Marx, tanto em *O capital* como, principalmente, nos *Grundrisse*. Na medida em que a produção material imediata se mecanizava e se automatizava, o trabalho vivo se distanciava da produção direta; o conhecimento objetivado por aquele trabalho incorporava-se na produção direta como trabalho morto, congelado nas formas e nos movimentos dos sistemas de maquinaria. (Dantas, 2002, p. 116-117).

As empresas continuam a manter a afinidade de seus produtos com o consumidor, sejam eles de alta tecnologia, ou de bens primários. E, para que seus produtos se concretizem como mercadorias úteis, elas não têm como escapar da forma prontamente social da mediação da troca. Ainda prevalece a relação social do negócio firmado pela mediação *in verbis*, seja ela pessoa a pessoa ou então computador a computador. Processo vital para a reprodução do capital.

Trata-se, na verdade, de dois movimentos absolutamente complementares. À intelectualização geral do trabalho e sua organização em rede corresponde

uma intelectualização e conexão também do consumidor à rede global. O modo de consumo, como o modo de produção, torna-se mais comunicacional e informático, alterando as relações sociais e a própria estrutura do mundo da vida de amplas camadas da população mundial incluída nos processos de reprodução do capital. (Bolaño; Castañeda, 2002, p. 4).

Portanto, estaríamos a viver na mesma sociedade capitalista e ainda industrial, porém evoluída no epicentro de uma revolução tecnológica sem precedentes, pela qual o trabalho passa a ser reorganizado continuamente pela informação, mas não se extingue.

Desde então, o que a grande maioria das pessoas vem produzindo em seu trabalho é informação social. Registrada em patentes de produtos ou processos; comunicada em relatórios, protótipos, desenhos, painéis de controle de máquinas; gravada em películas cinematográficas; transmitida em programas de rádio ou televisão, por telegrama ou telefone. Posta nas muitas formas pelas quais possa ser socialmente gerada, registrada e comunicada, a informação tornou-se o objeto imediato de trabalho da maioria dos indivíduos. Esta evolução envolve tanto o pesquisador que traduz em fórmulas científicas os resultados das suas manipulações da matéria quanto o executivo que traduz em cálculos financeiros os resultados de seus planos de produção material; ou o engenheiro que traduz em protótipos materiais os resultados da sua concepção do objeto; e também o operário que traduz em gestos maquinais as leituras que faz de relógios, botões, válvulas ou manivelas das máquinas que opera. O que varia é a quantidade maior ou menor, ou a redundância menor ou maior, da informação processada em cada instância do processo produtivo. (Dantas, 2002, p. 117).

Devemos destacar ainda, que não é em razão da informação aparecer como instrumento neste processo que a sociedade industrial tenha sido superada. E também não podemos simplesmente determinar que o fenômeno informação seja novo e que surgiu agora. Ao contrário, talvez os teóricos ao longo do tempo não tenham dado a importância necessária à dimensão da informação e seu uso como poderoso instrumento no processo de acumulação de capital na sociedade industrial.

### **3 Precondição da ampliação da exclusão social**

A economia mais lastreada na informação contribuiu sobremaneira no reforço do caráter especulativo, estrategicamente circulando pelos mercados dos países de economia periférica, resultando num processo brutal

de “financeirização” da economia com ênfase no domínio dos sistemas econômicos nacionais.

Com o avanço da internacionalização dos circuitos econômicos, financeiros e tecnológicos, debilitaram os sistemas econômicos nacionais. (Furtado, 1998, p. 38).

Sem contar que a mobilidade excessiva de capitais de curto prazo permitida pelo Estado Mínimo, gerou variados problemas, tais como: dependência externa; perda de autonomia com forte ingerência na política monetária de organismos internacionais, como o FMI, controlado principalmente pelos EUA e vulnerabilidade às crises externas da economia com intensas flutuações cambiais, consequência dos grandes fluxos de capitais voláteis em intensa circulação.

No campo da informação como aliada do capital financeiro, podemos constatar que as agências de informação de *rating risk* nunca foram tão utilizadas. Os *ratings* divulgados sobre riscos relativos dos países emergentes, como o nosso, passaram a representar informações para otimizar a renda do capital. Tais informações eram e são usadas de forma estratégica em favor dos grandes investidores internacionais, provocando inclusive distorções no mercado. Toda vez que alguma das agências eleva os referidos *ratings*, economias inteiras são afetadas.

É neste ambiente que governos passam a se preparar para uma nova guerra, agora virtual, nos moldes de “matrix”. Bancos Centrais dos países periféricos tentam se entrincheirar e armar defesas contra os “ataques especulativos à moeda” com ilusórias medidas ortodoxas sem muito sucesso.

Neste novo tipo de guerra novas vítimas surgem: em vez dos mortos e feridos tradicionais, a mortalidade da pobreza, a exclusão dos incluídos se fazem presente, pela própria e brutal transferência de renda ocasionada pela renda do capital volátil. (Nogueira, 2004, p. 25).

Podemos observar caso recente no Brasil que, por motivos políticos, diga-se eleições presidenciais em 2002, teve seu *rating risk* elevado, sofrendo sérias consequências econômicas em função da informação.

Tabela 1

Ano	Taxa bruta de mortalidade %	Variação
1990	7,2	0
1991	7,11	-1,25%
1992	7,02	-1,27%
1993	6,95	-1,00%
1994	6,89	-0,86%
1995	6,82	-1,02%
1996	6,77	-0,73%
1997	6,74	-0,44%
1998	6,72	-0,30%
1999	6,7	-0,30%
2000	6,69	-0,15%
2001	6,68	-0,15%
<b>2002</b>	<b>6,69</b>	<b>0,15%</b>

Fonte: Nogueira (2004). Taxa bruta de mortalidade na década de 1990.

Tabela 2

Ano	Informação sobre Risco Brasil
jan./02	843
fev./02	844
mar./02	732
abr./02	755
<b>maio/02</b>	<b>940</b>
<b>jun./02</b>	<b>1.361</b>
<b>jul./02</b>	<b>1.755</b>
<b>ago./02</b>	<b>1.992</b>
<b>set./02</b>	<b>1.940</b>
<b>out./02</b>	<b>2.048</b>
<b>nov./02</b>	<b>1.699</b>
<b>dez./02</b>	<b>1.513</b>
<b>jan./03</b>	<b>1.324</b>
<b>fev./03</b>	<b>1.295</b>
<b>mar./03</b>	<b>1.094</b>

Fonte: Nogueira (2004). Informação sobre Risco Brasil (*rating risk*) (EMBI+) – J. P. Morgan.

#### 4 A exclusão social ampliada

Na realidade o benefício da decantada revolução do conhecimento encarnada no novo modo de produção capitalista, comandado pelo mercado sob a batuta do discurso neoliberal, se revelou incapaz de resolver a contradição entre a inclusão/exclusão social, principalmente nas economias periféricas.

Os adeptos da Sociedade da Informação não perceberam que o processo de produção pelas redes, com a aparência de uma nova dinâmica, tornou-se flexível, descentralizado, e os novos postos de trabalho não se converteram na compensação esperada. Criou-se, sim, um problema aos trabalhadores menos qualificados, que teriam de se reciclar para poderem trabalhar nos novos empregos.

Este processo seria próprio da evolução do modo de produção capitalista consolidado na década de 1990. A exclusão dos incluídos é uma

das novas facetas de ampliação da exclusão social. Seguramente tem conexão com a própria aceleração da evolução tecnológica aliada aos aparatos informacionais que estão intimamente ligados à redução do trabalho vivo.

Além disso, graças em grande parte à espantosa explosão de teoria e prática da informação, novos avanços científicos foram se traduzindo, em espaços de tempo cada vez menores, numa tecnologia que não exigia qualquer compreensão dos usuários finais. O resultado ideal era um conjunto de botões ou teclado inteiramente à prova de erro, que requeria apenas apertar-se no lugar certo para ativar um procedimento que se movimentava, se corrigia e, até onde possível, tomava decisões, sem exigir maiores contribuições das qualificações e inteligência limitadas e inconfiáveis do ser humano médio. Na verdade, idealmente, podia-se programar o procedimento para dispensar de toda a intervenção humana, a não ser quando alguma coisa dava errado. A cobrança nos caixas dos supermercados na década de 1990 tipificava essa eliminação do elemento humano. Não exigia do operador humano mais que reconhecer as cédulas e moedas do dinheiro local e registrar a quantidade entregue pelo cliente. Um scanner automático traduzia o código de barras do artigo num preço, somava todos os preços, deduzia o total da quantia entregue pelo cliente, e dizia ao operador quanto dar de troco. (Hobsbawn, 2003, p. 509).

A forte financeirização do Capital, uma das conseqüências inerentes da livre circulação do capital pelo mundo, ao mesmo tempo em que se origina do excedente relativo à redução do trabalho vivo, impulsiona este processo.

### **Considerações finais**

A informação comparece neste processo como instrumento amplificador da reprodução do Capital. A grande contradição do capitalismo atual está justamente no processo da redução do trabalho vivo. Os grandes oligopólios beneficiam-se de um volume muito mais elevado do excedente, o que não permite o total reinvestimento do lucro. Tal condição se dá em função do desemprego estrutural oriundo do processo porque é ele é a razão que provoca reduções dimensionais do mercado que o próprio modelo capitalista atual impõe. A financeirização do Capital é uma mera conseqüência do excedente que o mercado não comporta e que não é reinvestido na produção.

É bom que se diga também que a informação atua neste processo como objeto de domínio. Provoca a assimetria, como fator imprescindível

para a multiplicação do Capital Financeiro que circula sem barreiras. Modo pelo qual fomenta ainda mais o empobrecimento das nações periféricas em favor dos mais ricos. A grande consequência tem sido o aumento das fronteiras da exclusão social com o surgimento dos “inempregáveis”<sup>7</sup> como uma nova dimensão da exclusão social e sobretudo de suas novas expressões, tais como a exclusão digital e informacional

Assim, a face real deste modelo leva o excluído a se identificar com a mitológica estória de Tântalo, o qual, condenado por toda a eternidade ao Hades, estava sempre mergulhado em água até o pescoço e sob uma árvore carregada de deliciosos frutos. Passava incansavelmente fome e sede, mas, quando tentava mergulhar e beber, a água fugia dele; quando levantava os braços para pegar os frutos, os galhos da árvore se moviam para longe.

### **Bibliografia**

BOLAÑO, César. *Indústria cultural: informação e capitalismo*. São Paulo: Polis, 2000.

\_\_\_\_\_; CASTAÑEDA, Marcos V. *A economia política da Internet e sua crise*. 2002. Disponível em: [ww.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/2002%20gt%20Economia%20pol%C3%ADtica%20de%201a%20comunicacion%20Cesar%20Bolano.htm](http://ww.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/2002%20gt%20Economia%20pol%C3%ADtica%20de%201a%20comunicacion%20Cesar%20Bolano.htm)>.

BORDIEU, Pierre. *O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação*. Campinas: Papirus, 2000.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 3.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000a. v. 1.

\_\_\_\_\_. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000b. v. 2.

CHOMSKY, Noam. *Os caminhos do poder: reflexões sobre a natureza humana e a ordem social*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CHOSSUDOVSKY, Michel. *A globalização da pobreza*. São Paulo: Moderna, 1999.

DANTAS, Marcos. *A lógica do capital-informação a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

---

7 Termo originado por Castel (1998, p. 1997).

DEMO, Pedro. *Pobreza política como desafio central*. Disponível em: <[www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/Pedro\\_Demo.html#\\_ftn1](http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/Pedro_Demo.html#_ftn1)>. Acesso em maio de 2001.

\_\_\_\_\_. Ambivalências da sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000.

\_\_\_\_\_. *Charme da exclusão social*. Campinas, São Paulo, [s.n.], 1998.

\_\_\_\_\_. *Pobreza da pobreza*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2003.

FURTADO, Celso. *O capitalismo global*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HERSCOVICI, Alain. A economia política da informação, da cultura e da comunicação: questões metodológicas e epistemológicas. Uma apresentação geral. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*, v. 5, n. 3, p. 11, Sep./Dic. 2003. Disponível em: <[www.eptic.com.br/alainv3.pdf](http://www.eptic.com.br/alainv3.pdf)>. Acesso em dezembro de 2003.

HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MACHLUP, Fritz. *The production and distribution of knowledge in the United States*. New Jersey: Princeton University Press, 1962.

MAGNI, Ana Carla. *Crise no mundo do trabalho e novos desafios ao movimento sindical*. 2003. Artigo (Conclusão do Curso de Economia Social e Trabalho), Universidade Estadual de Campinas, 2003.

MARX & ENGELS. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. v. 2.

MARX, Karl. *Capítulo inédito d'O Capital*. Porto: Publicações Escorpião, 1975.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MATTELART, Armand. *Sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, 2002.

NOGUEIRA, José Jorge Meschiatti. *A exclusão social no mercado da informação no Brasil na década de 1990*. 2004. 76 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004.

SCHWARTZ, Gilson. Economia da informação está acima da crise na Web. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 fev. 2001.

SROUR, Robert Henry. *Modos de produção: elementos da problemática*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

XIBERRAS, Martine. *As teorias da exclusão*. [s.l.]: Instituto Piaget, 2003.